
PEDAGOGIA DO ESPORTE E VALORES HUMANOS ¹

Cassia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hirama
Paulo Cesar Montagner

Resumo

Este trabalho discute os autores que defendem o desenvolvimento de conteúdos atitudinais através da pedagogia do esporte, relacionando-os com a descrição e análise de ações realizadas no ensino do esporte.

Palavras-Chave

Valores humanos; Pedagogia do esporte; Educação.

SPORT PEDAGOGY AND HUMAN VALUES

Cassia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hirama
Paulo Cesar Montagner

Abstract

This study discuss the authors that defend the content with the focus in attitude, through Sport's Pedagogy, linking with a description and analysis of achievements in the teaching of the sport.

Key-Words

Human Values; Sport Pedagogy; Education

¹ Entendemos como valores humanos os aspectos que traduzem o comportamento relacional do individuo consigo mesmo (intrapessoal) e com o ambiente e a sociedade em geral (interpessoal). São exemplos de aspectos intrapessoais a auto-estima, superacao, coragem, motivacao. São exemplos de aspectos interpessoais o respeito as regras e diferencas, cooperacao, trabalho em equipe, solidariedade, caridade.

INTRODUÇÃO

E comum encontrarmos afirmações do tipo: O esporte e vida! Fuja das drogas, pratique esporte! O esporte ensina disciplina, trabalho em equipe, respeito! Quem pratica esporte pratica cidadania!

Embora concordemos que estas frases podem dizer a verdade em determinadas situações, será mesmo que desenvolvemos em nossa pedagogia programas para atingir estes aspectos? Será preciso ter presente em nossos planejamentos o objetivo específico para estimular valores humanos ou a magia do esporte o faz por si mesmo?

Acreditamos que a pedagogia do esporte possa desenvolver aspectos atitudinais importantes que contribuam para a formação do educando, no entanto, para que aconteça, este objetivo deve estar presente no planejamento, no lugar de ser tratado como algo que surge sem controle operando milagres na vida de nossos alunos.

Em diversas correntes educacionais² os valores humanos estão presentes como aspecto a ser considerado e desenvolvido.

Também na área de pedagogia e treinamento esportivo³ diversos autores sinalizam para a importância de se contribuir para o desenvolvimento de valores através das situações únicas que o esporte oferece como superação dos limites, enfrentamento de frustrações, cooperação, respeito.

No entanto, quando se trata de bibliografia referente a propostas de intervenção e experiências específicas para o desenvolvimento de valores, elas se tornam bastante raras.

Desta forma, neste capítulo desejamos contribuir para minimizar esta carência através da descrição e discussão de algumas propostas de intervenção aplicadas em diversos espaços educacionais, formais ou não-formais, da aula de educação física escolar ao treinamento esportivo.

²Zabala (1995) chama de aspectos socio-afetivos. Sarabia in Coll (2000) propõe a aprendizagem e o ensino das atitudes. Morin (2003) afirma ser necessário desenvolver a ética do gênero humano, a ética indivíduo/especie que convoca a cidadania terrestre em uma de seus sete saberes da educação. A UNESCO (Hassenpflug, 2004) determina entre os quatro pilares básicos da educação o aprender a ser e a conviver.

³ Balbino (2005), Paes(2005), Bento(1999), Freire (1996), Cagigal(1972),

ASPECTOS IMPORTANTES A SEREM CONSIDERADOS:

Acreditamos que para valores humanos positivos sejam incorporados ao comportamento dos alunos, eles precisam ter significado na vida da pessoa, serem sentidos, vivenciando suas conseqüências, aliando as emoções vividas a reflexão racional do valor. Só assim, se aceito, pode passar a fazer parte de suas atitudes.

Para tanto destacamos algumas características que julgamos necessário estarem presentes numa ação com este propósito:

PROFUNDIDADE NAS AÇÕES.

Levar aos alunos apenas os conceitos de atitudes nos parece insuficiente para contribuir para comportamentos mais adequados. Basta perguntarmos a qualquer grupo se e certo ou errado ofender verbalmente o colega. Via de regra a resposta será a segunda opção. Se pedirmos uma redação sobre o tema, muito provavelmente teremos textos lindos sobre respeito, compreensão e perdão. Mas como acontece na prática? Seus alunos realmente escrevem do que praticam?

Portanto acreditamos que viver as situações além de seus conceitos, responsabilizarem-se por suas conseqüências, sentir "na pele" os dois lados de uma questão é mais significativo e aumenta a possibilidade de aprendizado.

Além da possibilidade de unir raciocínio às emoções, ao falarmos de profundidade também queremos sugerir que os temas não sejam tratados em sua superficialidade e reações imediatas e sim na complexidade em que está inserido, abordando várias perspectivas, causas e efeitos. Para citar um exemplo podemos tratar do tema preconceito que é bastante amplo. Apenas uma conversa sobre suas características negativas não deveria provocar mudanças nos alunos. Portanto podemos começar por levantar quais os preconceitos existentes em nossa área de atuação.

Digamos que decidimos começar pela diferença de habilidade. O desprezo pelo menos habilidoso é preconceito? Se olharmos pelas características exercidas e sofridas por ambos os lados, podemos afirmar que sim. Se em nossas ações na pedagogia do esporte não observarmos este aspecto com atenção e não contemplarmos em seu planejamento ações específicas podemos reproduzir em nossas aulas e treinamentos as pressões da exclusão, do menosprezo, da falta de oportunidade e a valorização excessiva do mais habilidoso.

No entanto e possível planejarmos ações que levem nossos alunos e atletas a refletirem sobre o papel do outro no grupo, nas causas das diferenças de habilidades, nas diferentes possibilidades de contribuição no desenvolvimento, na necessidade de cooperação, de esforço próprio, entendendo que não e preciso existir os "donos do time" nem tão pouco os "coitadinhos" que devem apenas receber o apoio e a caridade dos demais.

Descreveremos e discutiremos atividades que desenvolvem estes aspectos mais adiante.

PROXIMIDADE PROFESSOR-ALUNO

O profissional de educação física e visto em grande parte das escolas e demais centres educacionais como o adulto mais próximo dos alunos. Adjetivos como brincalhão, carinhoso, amigo, entre outros não são raros, ate mesmo em outros ambientes como o do treinamento esportivo. Também não e raro alunos fazerem do professor(a) o confidente pessoal ou orientador geral. Talvez esta proximidade se deva ao ambiente que a própria especificidade de nossa ação produza, ou da natureza das atividades, enfim, não nos cabe aprofundamento nesta questão, e sim o fato de que esta situação e verdadeira ou pode passar a ser nos diversos espaços de nossa ação.

Desta forma, nossa responsabilidade pela transmissão de valores e ainda mais acentuada, visto que a confiança dos alunos e maior, caso contrario a proximidade não existiria. E sabemos que a confiança e um fator importante na transmissão de conhecimentos.

Assim quais são os valores que nos estamos transmitindo?

Quais são os nossos valores? (Que são demonstrados diariamente em nossas ações e observados com olhos curiosos dos alunos!).

Como estamos utilizando esta proximidade para contribuir para a formação moral de nossos alunos?

Estas questões devem ser refletidas por todos os profissionais que se preocupem por desenvolver valores humanos em seus educandos e que nos leva a elencar outro item:

VALORES PESSOAIS E VALORES A SEREM ESTIMULADOS

A frase "Apenas se ensina o que o que se sabe" norteia muitas das nossas das ações, correto? No entanto, se identificamos que nossos alunos estão carentes de estímulos em valores nos preocupamos com este fato. E se notarmos que temos as mesmas necessidades?

Por exemplo: em uma briga entre alunos não é normal intervirmos buscando uma solução através da solicitação de perdão e compreensão sobre os erros de um e de outro? Pois bem, mas quando alguém nos ofende, nos prejudica, ou apenas nos dá uma fechada no trânsito, agimos como solicitado ao aluno? Perdoamos tentando compreender que a outra pessoa pode estar passando por outros problemas maiores que o estão tirando sua paz? Ou esbravejamos, nos irritamos e muitas vezes, levando tal comportamento para outros lugares? É normal isto acontecer, não?

Se com você isto não é normal, que compreende e perdoa, provavelmente terá a possibilidade de estimular tais ações nos alunos oferecendo-lhes seu testemunho vivido.

Mas e se você é como a maioria de nós, que se irrita e muitas vezes não é capaz de compreender? Não pode tentar ensinar tais valores? Pois se ensina apenas o que se sabe?

Para responder a esta questão citamos outra frase, que passou a fazer parte de nossos direcionamentos: "Ensinamos o que precisamos aprender!".

Podemos sim buscar estimular nos alunos valores que muitas vezes nos mesmos temos dificuldades em incorporar em nossas atitudes. No entanto, nesta busca por auxiliar os jovens, podemos nos envolver de tal maneira que se torne significativo e passe a fazer sentido em nossas próprias ações!

Após estas considerações vamos relatar algumas experiências vivenciadas. As atividades serão descritas a partir do cenário, seus personagens e situações problemas. Em seguida apresentaremos a ação e seus resultados.

Estas descrições tem o objetivo de servirem de fonte de reflexão e matriz para inúmeras outras idéias a serem implantadas nas mais diversas situações.

Cenário 1: Propostas de intervenção em aulas esportivas e/ou de educação física.

DESAFIO AO GRUPO

Nesta atividade, lançamos um desafio ao grupo, onde a regra básica é a de que todos devem participar em todas as ações existentes.

Exemplo: Todos os alunos deverão, em um tempo pré determinado (exemplo: 2 minutos), realizar 5 (variado de acordo com grupo) ataques certos, dentro da quadra. No entanto, antes do ataque o grupo deve realizar o saque, recepção e levantamento. Vários problemas são apresentados aos alunos cabendo ao grupo resolvê-los.

Em geral a primeira estratégia é a de colocar uma seqüência de mais habilidosos e outra de menos habilidosos, organizando uma seqüência de execução.

Mas será esta a melhor proposta? A maior garantia de sucesso na seqüência dos mais habilidosos será suficiente para alcançar o objetivo do desafio já contando com o insucesso dos menos habilidosos? E se alcançarem o sucesso nesta proposta, o quanto a atividade contribuiu para o desenvolvimento de todos enquanto equipe?

Fica evidenciado que o erro individual e também coletivo. A partir daí começamos a entender a importância de todos no grupo, pois é muito fácil, excluí-los e culpa-los pelo insucesso, mas a reflexão de que todos temos mais ou menos habilidade em variados aspectos, e que nem por isso devemos excluir e sim auxiliar para que todos possam ter a sua chance, é importante. Por diversas vezes acompanhamos grupos que vibram pelo êxito de um aluno com mais dificuldades, e todos passam a torcer por ele sem tirar o peso dos seus erros. Desenvolve-se a noção de que quanto mais habilidoso, maior a possibilidade de auxiliar os demais.

Sempre que uma proposta de desafio não é completa, o tempo e o placar é zerado e o grupo começa de novo. Precisamos com isso, ter muita atenção para propormos desafios possíveis, mas que também não seja alcançado com facilidade. É normal, depois de algumas tentativas sem êxito, surgirem pedidos de desistência. Podemos utilizar esta situação para provocar-lhes o espírito de persistência, sugerindo a continuidade e incentivando-os a reorganização e construção de novas estratégias.

O momento da superação do desafio é marcante, gerando sentimentos que julgamos essenciais, pois aliamos o conceito de valores como persistência, esforço, cooperação, união, trabalho em equipe, a emoções sentidas como superação da frustração, alívio, alegria pela conquista, orgulho, sentimento de

capacidade, além da possibilidade de salientarmos a força do grupo quando age em conjunto.

O desafio pode ser inserido no trabalho de qualquer modalidade e acreditamos ser uma ferramenta rica para a estimulação de valores.

JOGO DO A, B E C (DIFERENÇAS DE HABILIDADES):

Realizamos com o grupo uma votação a fim de classificar cada aluno nas categorias A, B ou C, sendo A o mais habilidoso, B habilidade média e C o menos habilidoso.

É importante que esta votação seja precedida de uma discussão sobre as diferenças de habilidades existentes, podendo-se ampliar o tema para as diversas diferenças nos mais diversos setores da vida.

A classificação pode ser aberta, onde o professor pergunta quem acha que determinado aluno é A, B ou C, levantando a mão. Desta forma conseguimos classificar todos sem gastar muito tempo.

Cada classe de jogador deverá seguir suas respectivas regras:

Jogadores A: seguem as regras oficiais.

Jogadores B: podem deixar a bola dar um pingo no chão.

Jogadores C: podem deixar dar quantos pingos quiser desde que a bola não pare.

Divide-se então as equipes e joga-se utilizando-se tais regras.

A votação pode parecer uma ação que vai constranger os menos habilidosos. Em nossa experiência nunca tivemos nenhum problema a este respeito e creditamos este fato a discussão feita antes da atividade.

Aproveitamos para levantar a importância de se votar corretamente e suas consequências e ampliamos a conversa para as diferenças existentes entre todos e o quanto isto é rico.

Podemos variar as regras conforme o nível geral do grupo. Se for uma turma iniciante podemos incluir para os jogadores C a possibilidade de agarrar a bola.

Para grupos de nível mais avançado podemos dar maior pontuação aos jogadores C e B.

Este jogo provoca diversos estímulos. São muitos os problemas e possibilidades que se apresentam. Os mais habilidosos são desafiados a utilizar melhor as regras e os menos habilidosos são os mais requisitados quando a situação do jogo fica difícil.

Desta forma podemos incluir aquele aluno que se sente constrangido por não acompanhar o grupo com regras específicas que facilitam sua ação.

Esta é uma atividade que deve ser observado o tempo de maturação, isto é, de compreensão de sua dinâmica pelos alunos. Portanto sugerimos que se retorne a este jogo várias vezes, até para que possamos observar sua evolução.

É importante salientar que em todos os casos que o aplicamos, o desejo dos alunos em melhorar e passar para a outra categoria é visível, o que acontece proporcionando-se outras votações no decorrer da temporada.

Expressões do tipo: "Ele não é mais C não! Voto B!", "C não, ela está ganhando todas como C!", demonstram a evolução dos alunos.

Encontramos também várias situações onde os alunos C, que eram bastante tímidos no jogo, por se encontrarem em uma situação onde é mais requisitado e contando com a facilidade da regra, se sentiu mais a vontade, melhorando seu desempenho e seu relacionamento geral com o grupo.

Também podemos incluir nas discussões as razões das diferenças de habilidades nas diversas situações, educacionais ou não. Utilizamos questões como: só os mais habilidosos têm o direito de jogar ou os mais habilidosos têm direito de jogar mais? Quem não sabe não participa? Quem sabe menos deveria tentar executar mais ou menos para melhorar? O aluno com mais dificuldade em matemática ou língua portuguesa deve exercitar mais ou menos para aprender? E no jogo, quem deveria atuar mais para aprender? Aquele aluno nota 10 em geografia pode ajudar os amigos com notas baixas? Como?

Esperamos com esta atividade estimular os alunos em situações de coletividade onde cada um tem responsabilidades, pode contribuir para o desenvolvimento do todo, não negando sua individualidade e sim exaltando-a em favor do grupo.

Cenário 2- Competições Pedagógicas

Neste cenário traremos dois exemplos de sucesso de competições, Festivais Pedagógicos e um Campeonato que foi realizado em período de férias escolares, aproveitando a possibilidade da participação dos alunos por um período de tempo maior.

- Festivais Pedagógicos de Voleibol:

Festivais são campeonatos que duram em geral um dia (Etapa) ocorrendo neste período todas as fases de uma competição concluindo as finais e determinando assim, a colocação das equipes participantes. A primeira etapa deste campeonato foi organizada e realizada em 1997, por professores da região metropolitana de Campinas, com o objetivo de ser uma proposta diferenciada de atuação na competição.

Dividimos por categorias, que leva em consideração a idade ou o nível de habilidade, e seguem regras adaptadas para maior possibilidade de jogo, como saque com obrigatoriedade de ser apenas por baixo ou alternado (o primeiro da seqüência por cima, o segundo obrigatoriamente por baixo, o terceiro por cima, e assim segue), maior flexibilidade em condução e dois toques, e para a categoria menor segurar e/ou pingar durante o rally.

As premiações são realizadas de maneiras diferenciadas. Na categoria iniciação a prioridade e a de desenvolvermos o prazer pela pratica do jogo e seu entendimento. Portanto não realizamos contagem de pontos, diminuindo a ênfase pela vitória, a premiação segue 3 categorias: equipe mais animada (que vibra bastante), equipe mais amiga (que apóia uns aos outros, e estão sempre unidos) e equipe mais organizada (que demonstra conhecimentos de voleibol e conseguem jogar, dentro das regras adaptadas, com destreza, realizando cortadas e levantamentos).

Já nas categorias maiores são premiados do primeiro ao quarto lugares, os melhores por fundamento e o "Atleta Destaque" (não necessariamente o mais habilidoso, e sim o que incentiva a equipe, e positivo e vibra bastante). A escolha destes alunos e feita ao final de cada etapa pelos árbitros e professores, cuidando para escolher aqueles que são assíduos, que tem atitudes positivas com a sua e as outras equipes e é esforçado, pois procuramos evitar destacar um aluno habilidoso, mas que falta constantemente nas aulas e reclama de todos para não reforçamos tais aspectos.

As regras que consideramos como mais importantes no desenvolvimento de valores nas categorias maiores e a da obrigatoriedade das equipes serem compostas por 9 a 12 alunos, e todos devem participar de todos os jogos. Estipulamos trocas obrigatórias, por set ou por numero de pontos, para estimular o entendimento de quanto e importante aprender a jogar com o outro, independente do seu nível de habilidade. Reforçando que todos tem funções dentro de uma equipe, e que aqueles com maior nível de compreensão do jogo e habilidades são os que mais tem responsabilidades.

A arbitragem é realizada pelos alunos de categorias acima. Eles são orientados para serem educadores antes de árbitros. Pode parecer estranho, mas principalmente nas categorias menores, a explicação constante das regras e a orientação previa antes de apitar devera ser corriqueira. Nas categorias menores já presenciamos varias vezes, quando perguntamos do que os alunos mais gostaram do campeonato, recebermos respostas referente aos árbitros, pois eles se envolvem muito com os alunos e passam ate a dar dicas, incentivar a animação, atentos a imparcialidade e a distribuição de atenção aos times.

Gincanas de integração das equipes também fazem parte do festival, onde utilizamos os fundamentos do vôlei para criarmos uma brincadeira em que todos possam participar, incluindo os pais e convidados presentes. É um momento muito gostoso e aguardado pelos alunos que já participam do campeonato a algum tempo.

Também são comuns campanhas do agasalho, alimento ou livro para doação a uma instituição pré-selecionada que pode utilizar um período do evento para divulgação de seus trabalhos. Este espaço é encarado como uma oportunidade de realizar a caridade, de poder voltar a dar utilidade as coisas encostadas em suas casas.

A manutenção da limpeza e higiene do ambiente também é demonstrativa de sucesso da etapa. O responsável tem a função de solicitar, assim que cada equipe participante chegar, de checar o espaço em que se instalaram, e antes de irem embora reavaliar como o estão deixando. A equipe sede, área com maiores funções, pois os alunos ao final do evento auxiliam a reorganizar os materiais, pegar os lixos não recolhidos, varrer arquibancadas, passar pano em alimentos derrubados e até lavar o banheiro, que feito coletivamente perde o critério de obrigação e se torna mais um momento de co-responsabilidade, que muitas vezes acaba em pura diversão.

CENÁRIO 3: AÇÕES PARALELAS AS AO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO

Neste cenário descrevemos algumas ações que foram realizadas em paralelo as atividades pedagógicas que foram planejadas tendo sempre como um dos objetivos contribuir para o desenvolvimento de valores humanos.

MONITORES

A equipe principal ou mais avançada em uma instituição muitas vezes é justificada por ser considerada o "espelho" dos grupos mais novos. Sabemos que a admiração pode existir, mas acreditamos que se não a aproveitarmos, haverá pouca troca entre as diferentes faixas etárias.

Adotamos a figura do monitor, atleta da categoria mais avançada, nas aulas dos alunos mais novos, com o objetivo de aproximarmos as gerações e através desta convivência proporcionar aprendizado a todos. Aos monitores foi estimulado, além do aprendizado de aspectos básicos da pedagogia de esporte, a noção da responsabilidade por ser admirado pelos mais jovens e portanto a necessidade de buscar atitudes compatíveis com sua nova posição.

Compromisso com a turma, horários, assiduidade, fala, relacionamento respeitoso, proximidade, exercer autoridade, aceitação das diferenças, lidar com conflitos, mediar discussões e atritos, foram alguns aspectos que os monitores se viram desafiados a cumprir e que em geral o fizeram demonstrando prazer e valorização.

Viver o papel de um dos responsáveis pelo grupo pode proporcionar a reflexão sobre a própria conduta enquanto aluno ou atleta, fato que foi explorado pelo professor sempre como possível.

Aos alunos mais novos foi oferecida a possibilidade da proximidade maior com aqueles que até então eram admirados a certa distância, mais pelo que eram capazes de executar como jogadores do que como amigos "mais velhos".

O rompimento deste fascínio dos mais jovens apenas pela habilidade, incorporando nesta relação também a admiração pelas atitudes dos monitores, reforça a valorização destes comportamentos. Um exemplo vivido conosco ilustra bem esta situação:

Foi lançada a ideia de confeccionarmos camisetas semelhantes aos uniformes do grupo mais avançado, com o nome e número de cada atleta, para serem vendidos ou distribuídos como brindes aos mais novos com o objetivo de reforçarmos o vínculo entre as diferentes gerações. Ao questionarmos um grupo de alunos de 7 a 9 anos sobre de quem seria a camiseta que gostariam de obter, uma das meninas gritou o nome de um dos monitores que apresentava muita dificuldade no voleibol, embora se esforçasse muito pouco se desenvolvia. Ao perguntarmos por que o desejo de ter uma camiseta com o nome deste monitor, ela prontamente respondeu que ele era seu ídolo pois era atencioso, sempre a ajudava, tinha

paciência e estava sempre feliz ! As atitudes falaram mais alto que seu desempenho nas quadras. No fundo, o que realmente e mais importante?

- NECESSIDADES FINANCEIRAS E MATERIAIS E CAMPANHAS DE ARRECADAÇÃO:

Sabemos bem que a falta de material, recursos, espaço precário limitam nossa atuação. No entanto estas necessidades podem se transformar em ferramenta rica para o desenvolvimento de valores como co-responsabilidade, sentimento de pertencimento a um grupo, trabalho em grupo, caridade, solidariedade. Vivenciamos diversas experiências de elaboração de campanhas de arrecadação de verbas como festas do doce, pizza, bazares, rifas e bingos.

Em todas foram seguidas algumas características:

Todos os alunos, familiares, professores, funcionários, lideranças e comunidade foram envolvidos em todas as etapas como captação de materiais, divulgação, venda, organização, limpeza.

A verba tinha destino definido, em geral determinado em conjunto. A verba alcançada se revertia o mais breve possível na solução da necessidade levantada.

As situações vivenciadas em atividades desta natureza são muito ricas no estímulo de diversos valores. Podemos começar refletindo sobre o sentimento de co-responsabilidade, onde todos podem viver de fato a necessidade de trabalhar e zelar pelo projeto em que faz parte.

Fazer parte de um grupo que trabalha junto e poder constatar sua força através dos resultados desta ação também são valores que destacamos.

O estímulo de cooperação faz com que os participantes destas campanhas se desloquem da individualidade para o senso de coletividade, onde se faz não apenas por si mesmo, mas para o grupo. Esta dinâmica pode ter continuidade, avançando para a solidariedade para com outros grupos, ampliando o conceito de co-responsabilidade local para global.

Vivemos uma situação semelhante onde recebemos a visita de um senhor que divulgava a arte do cinema através de aparelhos e filmes antigos. Sabendo que seu projeto de construção de uma sala de cinema no município vizinho estava pela metade, foi mobilizado mais uma vez a comunidade para a realização de um bazar cuja arrecadação serviu para colaborar com a finalização das obras. Crianças e jovens

colaboraram para que outras tantas pudessem ter acesso a cultura, sem nem sequer se conhecerem! Mas possibilitamos a ambos a oportunidade de sentir o que é ser solidário.

Retornando aos recursos utilizados no próprio espaço educacional questionamos:

O valor dado, por exemplo, as bolas novas compradas através do trabalho comunitário e o mesmo que o recebido em doação ou por órgãos públicos?

A quadra reformada com dinheiro de determinada campanha, pintada pelos próprios alunos, será tratada com descaso por eles?

A rede de voleibol recém chegada terá que agüentar alguém pendurada nela assim que for montada?

Acreditamos que estes valores são suficientes para justificar as campanhas nos ambientes educacionais, sem contar com a possibilidade de melhoria de qualidade de aula que estas mudanças podem trazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pela educação de qualidade, capaz de oferecer estímulos nos diversos aspectos além dos conceituais, e muito discutido e presente na literatura a necessidade de atenção ao desenvolvimento de valores.

A intenção deste texto foi a de descrever e refletir sobre algumas ações que pusemos em prática com o objetivo de colaborar para a minimização desta necessidade.

Apesar de estarmos "pisando em solo muitas vezes desconhecido", afirmamos ser testemunhas de acontecimentos ricos e que aparentemente acarretaram mudanças positivas. Aparentemente porque tratamos de questões subjetivas, que estão sujeitas a teia de relações que cada indivíduo está inserido.

Portanto, para nós, por hora, basta o retorno de nossos alunos através de pequenos gestos, seja um sorriso, uma lágrima de alegria ou arrependimento, um tratamento mais carinhoso, respeitoso e sincero com o colega, o olhar de descoberta, ou mesmo o abrir os olhos para algo até então invisível.

Enfrentamos neste processo muito ceticismo, tanto que afirmamos sem dúvida que aquele que se propuser a se colocar neste caminho, também enfrentará muitas pessoas ao seu lado dizendo que não vale a pena, que não é possível contribuir neste aspecto, que o problema é muito maior que nosso alcance.

Certa vez um professor, em uma discussão sobre este tema, já incomodado com o pessimismo de alguns colegas afirmou: "Se já esta ruim com a gente tentando, imagine se desistirmos!"

Que o caminho não e fácil, isto e verdade. No entanto, se o programa contemplar a todos, envolvendo alunos, familiares, funcionários, professores e direção, e possível a construção de um ambiente favorável. Aliado ao empenho de todos, entendemos como necessário o entendimento do processo, que deve ser longo, construído passo a passo, através de inúmeras ações, algumas envolvendo grandes esforços, mas a maioria de pequenos gestos cotidianos programados ou não, pois e importante aproveitarmos as situações não planejadas que sempre ocorrem nos espaços educacionais.

Mas e quando nos questionam os mais céticos: Como e que podem garantir que viver estas situações "cor de rosa" dentro do ambiente específico trará mudanças positivas nas atitudes dos alunos fora de lá? Respondemos afirmando que nossa função e exatamente o de oportunizar esta vivencia, capaz de provocar-lhes a reflexão através dos conceitos e emoções na busca pela compreensão do fato vivido. Fora do ambiente educacional, cabe a cada um fazer suas escolhas, que, alias, e uma das ações mais ricas e presentes em uma humanidade que quer ser democrática e justa. Alem disto, o que nos resta e torcer para que sejam felizes!

REFERÊNCIAS

BALBINO, H. F.; PAES, R. R. *Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na otica das inteligencias múltiplas*. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. Campinas: Guanabara: Koogan, 2005.

BENTO, J. O. *Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas*. Lisboa, Horizonte, 1999.

CAGIGAL, J. M. *Deporte, pulso de nuestro tiempo*. Madrid: National, 1972.

COLL, C.; FREIRE, J. B. *Esporte educacional*. In: BARBIERI, C. (Org.). *Esporte educacional: uma proposta renovada*. Recife : UPE-ESEF/MEE/MDESP, 1996.

HASSENFLUG, W. *Educação para o desenvolvimento humano pelo esporte*. São Paulo: Saraiva, 2004.

JABU, M. B. da Silva. *ONG e esportes: a cidadania entrando em campo*. São Paulo, CENPEC, 2000

MOPJN, E. *Os 7 saberes necessários a educação do futuro*. São Paulo, Cortez, 2003

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

Cassia dos Santos Joaquim

Faculdade de Educação Física /Unicamp

Leopoldo Katsuki Hirama,

Faculdade de Educação Física /Unicamp

Paulo César Montagner

Faculdade de Educação Física/Unicamp

Referência do artigo:

ABNT

JOAQUIM, C. S. et al. Pedagogia do esporte e valores humanos. *Conexões*, v. 6, p. 545-559, 2008.

APA

Joaquim, C. S., Hirama, L. K., & Montagner, P. C. (2008) Pedagogia do esporte e valores humanos. *Conexões*, 6, 545-559.

VANCOUVER

Joaquim CS, Hirama LK, Montagner PC. Pedagogia do esporte e valores humanos. *Conexões*, 2008; 6: 545-559.